

## UM

Tempo frio e nublado, com 80 por cento de possibilidades de temporais entre moderados e severos com trovoadas no meio da tarde.

Bem, graças a Deus isso está para acabar, eu pensei enquanto meu carro passava — ou melhor, era levado por — debaixo da placa que marca a divisa de Oestechester, Connecticut. O trânsito estava um lixo, o que não era nenhuma surpresa; ainda estávamos em plena hora do rush e eu tive de controlar minha paciência e seguir com o pé no freio para pegar a primeira saída. Calma. As coisas vão voltar ao normal dentro de poucos minutos.

Tudo bem, eu sei que estava abusando do otimismo. Além de não estar sendo nada realista, pois eu e a normalidade jamais fomos grandes amigas. Mas posso alegar em minha defesa que eu precisava de todo otimismo possível no momento. Fazia mais de trinta horas ininterruptas que meus combustíveis eram adrenalina e café ruim. Fazia tanto tempo que eu estava acordada que parecia que meus olhos haviam rolado em uma mistura de areia com molho de pimenta Tabasco. Eu precisava descansar. Roupas limpas. Banho. Não necessariamente nesta ordem.

Primeiro eu tinha que encontrar o cara que ia salvar minha vida.

Encontrei a saída, passei por várias ruas e sinais de trânsito irritantes até encontrar o bairro residencial que estava procurando. Conferi o pedaço de papel no meu colo, prestei atenção nos números das casas e finalmente parei o carro em frente a uma linda casa de estilo colonial, o tipo de lugar que um corretor de imóveis descreveria como um “bom começo”. Havia tulipas vermelho-fogo elegantemente enfileiradas sob as janelas, e o gramado inteiro também parecia muito bem comportado. Esquisito. De todos os lugares onde eu esperava encontrar Lewis Levander Orwell, o homem mais poderoso do mundo, bem... não era nesse lugar que eu esperava encontrá-lo. Tipo, um subúrbio elegante? Hello!

Eu tamborilei as unhas lascadas no volante, avaliei riscos e benefícios e finalmente abri a porta e saí do carro.

A euforia que senti ao entrar na cidade se desfez assim que, esmagada pelo peso da exaustão, pisei o chão firme. Estresse demais, sono de menos, medo demais. Falando em medo... Eu senti um vento na nuca e me virei para olhar para o leste. Uma tempestade se anunciava em forma de majestosa montanha púrpura de grandes nuvens cúmulo-nimbo amontoadas como carros batidos em um ferro-velho. Eu senti que a tempestade estava reparando em mim daquele jeito que já acontecera antes. Sem dúvida nenhuma eu tinha que sair de Oestechester antes que esse treco resolvesse desabar. Vim observando que as tempestades se arrastavam ao longo da costa, me acompanhando no caminho para a Flórida. A parte ruim da história é que provavelmente era a mesma tempestade que estava me perseguindo.

Às vezes elas faziam isso. E bom nunca era.

Não havia nada que eu pudesse fazer no momento. Tinha problemas mais sérios para resolver. Segui pela trilha de concreto, subi três degraus margeados por gerânios em potes de terracota e cheguei à ampla e branca porta de entrada. Bati na porta e esperei, me balançando nos saltos de oito centímetros que pareciam saídos da coleção de primavera da Inquisição Espanhola. Falha de planejamento da minha parte, mas o que eu estava esperando era uma agradável reunião de negócios de fim de semana, não uma travessia desesperada de ponta a ponta do país em dois dias. Baixei os olhos para avaliar meu estado; a blusa de poliéster azul com punhos à francesa estava bem, mas a saia de linho cor de canela ficou um desastre depois do período de confinamento no carro. Ai, ai. Teria sido bom para Lewis desmaiar de desejo ao me ver, mas eu sem dúvida preferia que ele me incluísse fora dessa.

Silêncio. Coloquei as mãos em conchas ao redor dos olhos com as mãos em círculo e tentei espiar pelo vidro que não fora feito para isto. Nenhum movimento por dentro que eu

visse. Presentindo o desastre, eu me dei conta de que jamais considerara a possibilidade de meu cavaleiro em sua armadura reluzente se encontrar longe do castelo.

Eu bati na porta mais uma vez, franzi os olhos para tentar enxergar pelo vidro outra vez e tentei tocar a campainha. Ouvei o som abafado reverberar pela casa, mas não ouvi um movimento sequer. A casa parecia normal.

Normal e muito, muito vazia.

De onde eu estava podia dizer que Oestechester desfrutava de um sol de primavera. As pessoas caminhavam, a garotada berrava para todo lado em suas bicicletas, cachorros corriam com a língua para fora. Dentro da casa, o silêncio era invernal. Dei uma olhada na caixa de correio. Vazia. Ou ele não andava aparecendo em casa ou suspendera toda a correspondência. Também não havia jornais no gramado.

Eu avalei as opções que tinha, que na verdade não passavam de duas: pensar onde mais poderia procurar por ele, ou então deitar e morrer. Resolvi explorar o território. Infelizmente a grama estava molhada e meus saltos de oito centímetros não foram feitos para exploração de terreno. Soltando uns palavrões, tropeçando e afundando com os saltos agulha na terra, fui dando a volta pela casa. O imóvel tinha aquele clima “não-me-toque” que sugeria sistemas de proteção, mas eu dei a volta pela casa assim mesmo, prestando atenção nas janelas. Sim, havia grades em todas elas, das boas, bem fortes. O quintal era ótimo, muito bem arrumadinho, com aquele visual de que fora tratado por uma equipe de profissionais impessoais e não por algum jardineiro apaixonado por plantas. Lewis tinha uma excelente oficina nos fundos que servia em parte para trabalhos de marcenaria, em parte para trabalhos de magia — metade esta que ficava protegida até o fiofó, de modo que o máximo que eu conseguiria fazer sem acabar levando um choque seria dar uma olhadinha rápida pela janela.

Parada poderosa. Isso era bom — eu estava desesperadamente necessitada de um cara poderoso.

Eu bati na porta dos fundos e dei uma olhada pelas esquadrias da janela. Ainda nenhum movimento à vista. Deu para ver a sala de estar decorada no estilo Americano Básico Normal — tudo parecia saído de algum catálogo de móveis luxuosos. Se Lewis morava ali, então ele era mais chato do que eu jamais imaginara.

Eu tinha várias cartas poderosas na manga, mas nenhuma delas tinha a ver com invasão de domicílio. O tipo de poder que eu tinha, o de controlar a água e o vento, era capaz de destruir uma casa, mas não de abrir portas. Eu podia evocar uma tempestade de granizo — pequenininha, tá? — para quebrar umas janelas, mas não, isso seria errado, além do que eu provavelmente acabaria sendo flagrada, porque era o tipo de ação bem chamativa. Portanto me limitei às táticas humanas.

Atirei uma pedra na janela.

Agora eu tinha certeza absoluta de que não ia funcionar, mas de certa forma funcionou; a pedra ricocheteou em alguma superfície grossa e invisível de borracha ou coisa parecida a cerca de um centímetro da janela, e então abriram ruidosamente a porta dos fundos.

— Sim? — grunhiu o sujeito que bloqueava a entrada. Ele era grande, tipo enorme: grande, bronzeado, careca, com duas argolas de ouro nas orelhas que cintilavam à luz do sol matinal de Oestechester. Usava uma camiseta roxa com detalhes dourados sobre os músculos sinuosos. Tive a impressão de que ele estava com uma calça preta, mas não ousei baixar os olhos. Não interessava, o peito valia muito a pena uma conferida. Peitorais divinos, falando sério.

Que sorte a minha. Lewis havia deixado um Djinn em casa — seu sistema de alarme místico particular.

— Oi — eu disse, toda simpática. — Lewis tá por aí?

Ele fechou a cara.

— Quem quer saber?

— Joanne Baldwin. — Eu levantei a mão com a palma para cima; o Djinn passou a palma sobre a minha e leu as runas brancas que cintilavam em sua trilha. — Somos amigos. Conheço Lewis faz um tempão.

— Nunca ouvi falar de você — ele disse rispidamente. Os Djinn não são muito chegados a jogar conversa fora, tampouco são conhecidos por alegria contagiante. Aliás, são conhecidos por serem de difícil trato e, se não forem com a sua cara, são bem capazes de arrumar algum jeito sorrateiro de lhe enganar. Não que eu fosse exatamente alguma especialista; os Djinn eram reservados para peixes maiores do que eu na Associação de Fiscais, mais ou menos o equivalente a um carro da empresa à disposição do funcionário vinte e quatro horas por dia. Eu não chegava nem perto disso.

O Djinn continuava me encarando.

— Agora vá — ele rugiu.

Eu fiquei onde estava. Estava no terreno dele, mas fiz pé firme mesmo assim.

— Desculpe, mas não posso. Eu preciso falar com Lewis. É urgente.

— Ele não está aqui. Como você é Fiscal, não vou matá-la por sua falta de modos. — Ele começou a fechar a porta.

— Espere!— Eu bati na madeira com a palma da mão, coincidentemente a mão com a runa. Não foi minha força física que o fez hesitar, isso com certeza. Nem o Mr. Universo poderia impedir que um Djinn fechasse uma porta, muito menos uma mulher de 1,67m com mais cara de pau do que massa corporal. — Quando ele volta?

O Djinn limitou-se a me encarar. Os olhos dos Djinn são de cores não encontradas no genoma humano, formuladas especialmente para produzir máxima intimidação. Alguns têm olhos amarelos como citrinas, outros são verdes luminosos fluorescentes, todos bem assustadores. Os olhos desse cara eram de um tom de púrpura que daria inveja em Elizabeth Taylor. Lindos e frios como os tons do gelo ártico.

— Escuta, eu preciso encontrá-lo — eu disse. — Preciso que ele me ajude. Tem gente correndo perigo de vida.

— É? — Ele nem piscou. — Que gente?

— Bem, seja como for, eu estou correndo perigo — eu completei, tentando dar um sorriso encabulado. Ele devolveu o sorriso, o que eu preferia que ele não tivesse feito, pois revelou seus dentes brancos perfeitos que combinariam mais com um tubarão branco.

— Você fede a corrupção — ele disse. — Eu não vou lhe ajudar.

— Isso quem decide é seu mestre, certo? — eu devolvi. — Qual é, ele me conhece. Pergunte só a ele. Eu sei que você pode perguntar. Ele não o deixaria aqui assim, sem poder entrar em contato com ele. Nem mesmo Lewis sai por aí abandonado um Djinn como se fosse uma caneta descartável.

Os olhos roxos estavam realmente me dando nos nervos. Eu senti o poder do Djinn me queimando a pele onde a mão tocara a porta, outra tática maligna para me afastar e poder fechar a porta e me detonar para o meio da rua. Não tem nada mais forte do que um Djinn no território onde mora. Nada.

A dor na mão foi piorando. Começou a sair fumaça da parte da mão que tocava a porta de madeira pintada de branco e meu corpo inteiro tremeu de enjoo. Mas eu não desisti.

— Ilusão — eu gaguejei. O Djinn ainda estava sorrindo. — Não me faça perder tempo.

— Meus poderes jamais atingiriam um verdadeiro Fiscal — ele disse. — Se você ficar queimada, é por merecer.

Muito bem, eu já estava de saco cheio de ficar brincando com a versão maligna do Mr. Clean<sup>1</sup>. Eu tirei a mão da porta e levantei.

O mundo respirou ao meu redor.

---

<sup>1</sup> Popular produto de limpeza nos Estados Unidos que traz no rótulo uma espécie de gênio mágico da limpeza.

Eu podia feder a corrupção, mas ainda comandava o vento, e ele atingiu o Djinn com a força de um Volkswagen em alta velocidade. Os Djinn são, em essência, puro vapor.

Eu o soprei para longe.

Ele sumiu por meio segundo, mas depois se refez, parecendo disposto a me puxar o cérebro pelas narinas. Então bati nele de novo. E de novo. Da última vez ele se refez lentamente, parecendo furioso, mas respeitoso. Eu não cometi o erro de pisar depois do solado da porta, de modo que ele não tinha como rebater. Todo seu magnífico poder — e era magnífico mesmo — era inútil. Se eu não invadissem o imóvel, podia ficar lá o dia inteiro lançando microrrajadas e golpes de vento catabáticos.

O Djinn murmurou algo desagradável. Eu levantei a mão outra vez. Uma brisa forte soprou meus cabelos e eu senti um formigamento cálido que indicava que eu tinha a meu comando pelo menos mais um pé de vento bom de derrubar Djinn.

— Eu tô realmente sem tempo de ficar de palhaçada com você — eu disse. — Diga meu nome a ele. Diga que eu preciso vê-lo. Ou algo assim.

— Ninguém me ameaça! — ele grunhiu.

— Não estou ameaçando você, meu docinho de coco. — Senti que estavam brilhando as runas brancas de minha mão. Meus cabelos negros me açoitavam o rosto por causa do vento que continuavam me rodeando, ganhando velocidade de tornado. — Quer apostar que eu posso soprá-lo pra dentro de uma garrafinha bem pequena e trancá-lo com uma rolha?

— Você não sabe o que está fazendo — ele disse, mais comedido.

— Errado, eu sei exatamente o que estou fazendo. Quer mais uma demonstração prática?

Ele levantou a mão, fazendo o gesto universal de rendição. Eu deixei o vento serpear e morrer. O Djinn esticou o braço e pegou algo que estava na mesa, e levei alguns segundos para perceber que era um celular. Santo Deus, o Djinn havia entrado na era da tecnologia. Daqui a pouco iam ter antenas parabólicas nas garrafas, internet banda larga, fornos de micro-ondas...

O Djinn teclou números, disse alguma coisa e se afastou de mim enquanto falava. Tive o enorme prazer de examinar as costas de um Djinn, algo que raramente se faz. Ele tinha uma bela bunda, mas as pernas terminavam em um remoinho de vapor mais ou menos na altura do joelho. Mesmo assim, estava longe de desapontar.

Ele terminou a ligação, virou-se novamente e exibiu os dentes pontiagudos para mim. Essa não, eu pensei.

— Entre — ele convidou. — Nenhum mal lhe acontecerá.

— Vou esperar aqui mesmo, obrigada. — Eu me balancei para frente e para trás. Parecia que alguém havia tocado fogo nas solas dos meus pés e a poltrona na sala de estar parecia confortável e convidativa. Eu preferia que o Djinn não tivesse começado a bancar o bonzinho. Assim ficava mais difícil manter minha postura de vaca “p” da vida, até porque eu queria chorar e me aconchegar naquelas almofadas lindas e macias.

— Como preferir. — O Djinn se afastou para fuçar umas gavetas na cozinha. Pegou uma bateria, fez cara feia para ela e jogou de volta na gaveta. Um saca-rolha. Um daqueles troços de metal para abrir saquinhos de batata frita. — Ah! Achei. Tome isto aqui.

Ele me jogou um objeto brilhante. Eu peguei e senti um lampejo frio, algo pontudo entre os dedos e percebi que estava segurando nada menos do que um sopro crescente de neblina. Eu abri a mão e olhei para baixo. Só vi uma marca vermelha pálida na palma da mão. Franzi o cenho e senti o formigamento típico da Supervisão, mas não havia nada lá. Pelo menos nada nocivo.

— Que diabo é isso? — eu perguntei.

O Djinn deu de ombros.

— Precaução — ele disse.

Outro sorriso de dentes pontiagudos, muito desconcertante.

— Caso você se perca.



Antes que eu pudesse agradecer e recusar, senti os golpes das divisórias de energia psíquica batendo com força total. O Djinn já havia desistido de ficar me sacaneando para se distrair.

Ele flutuou até a entrada, me observando descer os degraus ao mesmo tempo em que resistia ao ataque.

— Ei! — Eu estava espumando de raiva. — Caramba, eu só quero falar com ele! Só isso! Não vou dedurá-lo nem nada assim.

— Dirija — ele disse. — Entrarão em contato para lhe informar o caminho.

Passei pela varanda dos fundos, saí no quintal e fui para a calçada sem sequer pensar em revidar.

Mexi a mão e não senti nada de diferente. Com a Supervisão só enxerguei carne e ossos, músculos e nervos, o curso luminoso do sangue seguindo seu rumo veloz.

O Djinn sentira o cheiro da Marca do Demônio em mim. Isto era ruim. Muito ruim.

Isto significava que eu não tinha mais muito tempo de sobra.